

# A NOSTALGIA

Quando, afinal,  
estamos em casa?

*Ulisses, Eneias, Arendt*

BARBARA  
CASSIN



# A NOSTALGIA

Quando, afinal,  
estamos em casa?

*Ulisses, Eneias, Arendt*

BARBARA  
CASSIN

*tradução* Cláudio Oliveira



quina



## Sumário

Da hospitalidade corsa	9
Ulisses e o dia do retorno	21
Eneias: da nostalgia ao exílio	47
Arendt: ter sua língua como pátria	65
<i>Referências bibliográficas</i>	97
<i>Notas</i>	105
<i>Posfácio à edição brasileira</i>	127



*Mantendo-me, como faço, com um pé em um país,  
e outro, em um outro, considero minha condição  
muito feliz, pelo fato de que ela é livre.*

René Descartes,  
*Carta a Cristina da Suécia*, julho de 1648





# Da hospitalidade corsa

*Ela foi reencontrada. O quê? – A eternidade.  
É o mar que se foi com o sol.*

Arthur Rimbaud



## Uma ilha, em casa, não em casa<sup>1</sup>

Parece que estou voltando para casa, mas não é a minha casa. Talvez porque eu não tenha um lugar em que eu esteja em casa. Ou, mais exatamente, porque é quando eu não estou em casa que mais tenho o sentimento de estar em casa, em algum lugar como em casa. Quando, afinal, estamos em casa?

Desço do avião, pego o carro na garagem do aeroporto, indicam-me onde está o velho Peugeot branco, ainda com uma placa antiga, que se dirige como se fosse um caminhão. Pego a estrada. No verão, de preferência aquela que passa pela lagoa, entre as frutas e legumes, os grandes limões, melões, melancias, damascos, os figos, o tomate coração de boi, a berinjela roxa marmorizada, a abobrinha. Os túneis, as rotatórias e as lombadas, depois as curvas, uma a uma. Tudo gira, as curvas ficam integradas em minhas mãos à atenção flutuante, talvez no volante. Depois dos gases do escapamento, as estações trazem o seu cheiro de maquis<sup>2</sup> (“este hálito imperceptível de pinheiro, este toque de artemísia...” diz o fugitivo que acabou de escapar, em *Astérix*),<sup>3</sup> de mimosa, de loendro, de fogo, de mar. Vejo o progresso da zona industrial, as casas novas ou restauradas. Poucas mudanças assim que entramos na estrada do cabo.<sup>4</sup> Como um cavalo para o estábulo, eu volto para casa.

É desta experiência que eu quero partir: o sentimento que eu qualifico interiormente como uma irreprimível nostalgia, que eu experimento a cada vez que eu estou de “volta” à Córsega. Um sentimento forte, estranho, pelo fato de que eu não tenho ancestrais nessa ilha, não nasci ali e não vivi ali nem a minha infância nem a minha juventude. Eu não

sou corsa, eu nasci em Paris, moro lá e trabalho lá, e lá tive e criei meus filhos, em uma casa charmosa, um pouco escura, em plena Paris. Tenho o sotaque acentuado de uma *pinsoute*:<sup>5</sup> como posso ter esse sentimento tão intenso de que volto para casa? Como posso sentir tanta falta – por estar longe há muito tempo, sempre tempo demais – desse lugar? “Você vem se recarregar”, dizem-me frequentemente quando me veem no vilarejo. É uma expressão tão estranha – recarregar-se com que carga, com que fonte?<sup>5</sup>

Eu não estou em casa e, no entanto, ali, estou em casa. Do mesmo modo que o Evangelho fala de “usar as coisas como não as usando” (I Coríntios, 7, 31), estou em casa “como”, enquanto, não estou em casa. É porque eu não tenho nenhuma raiz ali que a desenraizada que eu sou, que tenho o prazer de ser ou que espero continuar a ser (minha mãe era de origem judia húngara *via* Trieste e as terras irredentas,<sup>6</sup> e a família de meu pai, distantes piratas berberes, provavelmente fazia parte dos banqueiros do Papa no Condado Venaissino),<sup>7</sup> encontra-se, ali, com efeito, “como” em sua casa.

Eu quis refletir sobre/sonhar com a nostalgia evidentemente porque amo Homero, Ulisses, a língua grega, o Mediterrâneo. Mas também, e isso é mais estranho, porque sou apegada à Córsega, ao horizonte de uma casa, de um vilarejo e de um cabo, em uma outra ilha, e que não é a minha, ao menos no sentido de que não nasci nela. “Nostalgia”, tal é, no entanto, a palavra que me vem naturalmente quando penso nela. Mas tal como o próprio “Homero”, a “nostalgia” não é exatamente

.....

\* Do termo corsa *pinzutu*, utilizado em sentido pejorativo ou de brincadeira, para designar os franceses do continente, sobretudo parisienses, que vão passar as férias na Córsega. (N. T.)

aquilo que se crê. Assim como Homero não é o poeta origem, um homem e um só que teria composto a *Ilíada* e a *Odisseia* tais como elas são nelas mesmas,<sup>8</sup> a nostalgia não é simplesmente a saudade de casa e o retorno para casa.<sup>9</sup> Esse sentimento doce que nos invade é, como a origem, uma ficção escolhida que não cessa de dar os indícios para que a tomemos pelo que ela é: uma ficção, adorável, humana, um fato de cultura. A melhor maneira, então, de retornar à pátria, em uma *Odisseia* transformada pelo sentimento moderno, não seria que essa pátria não fosse sua?

Uma pátria, como uma língua, “não pertence”.<sup>10</sup>

Eu gostaria de partir de uma experiência muito pessoal, pessoal demais.

Meu marido morreu das consequências de uma longa e breve doença, acolhida com doçura nesse vilarejo e no espaço da casa feita por nós, para nós.

Entre os direitos exorbitantes desse estranho território ainda napoleônico que é a Córsega, excluindo-se as heranças e o preço dos cigarros, há o privilégio de se ter um túmulo em casa, se a Direção Departamental do Equipamento o autorizar.<sup>11</sup>

É nesse vilarejo e nessa casa, num terraço com vista para o telhado, para a marina e para o mar, que meu marido está enterrado. Foi erguida uma pedra com seu nome, suas datas de nascimento e morte, gravadas por amigos que foram procurar a pedra em uma enseada com o barco deles. Sentamo-nos em um banco de madeira feito por todos nós. É também lá, ao lado da sua, que tenho a minha própria sepultura, que ainda soa vazia, numa terra que não pertence, a nós / não a nós.

No dia de sua morte, previsível, mas desconhecido (“Ele está tão cansado, pare de olhar para ele, deixe-o partir”, disse-me naquela manhã a médica), o túmulo não estava concluído.

Nesse dia, no entanto, duas pessoas me telefonaram para dizer que o túmulo de suas famílias o acolheria: “A hospitalidade corsa também é isso”.

Nós somos *hospités*, somos acolhidos com hospitalidade.<sup>12</sup> Afinal, eu sou francesa, meu documento de identidade o diz, e a Córsega está na França. Eu estou, portanto, muito simplesmente, em casa, no meu país. No entanto, é somente porque sou ali acolhida com hospitalidade que ali me sinto em casa. Outros têm raízes ali, mais raízes do que eu, e eles me acolhem. Não tendo recebido terras dos meus pais – e eu sou grata a eles por isso –, eu gozo de uma que, de início, não é minha, que absolutamente não é minha, mesmo que eu seja legalmente sua proprietária. Pois há reciprocidade no ar. A mesma palavra em francês, *hôte*,<sup>13</sup> designa aquele que acolhe e aquele que é acolhido, e isso é um achado imemorial, a própria civilização. Sem dúvida, é preciso acrescentar que, em grego, *xenos*, que quer dizer *hôte* em seus dois sentidos, significa também “estranheiro”, aquele que, por excelência, se deve *hospiter*, acolher com hospitalidade, ao passo que, em latim, *hostis* designa também o “inimigo”: confiança-desconfiança. Do mar, vemos, acima da casa, a torre Sêneca, onde ele teria escrito o *De Consolatione*.

Nós somos, mortos e vivos, acolhidos ali, com hospitalidade, pelo vilarejo. Mas, ali, somos ao mesmo tempo acolhidos com hospitalidade pelo mundo, num cosmos verdadeiramente grego que se desdobra nesse horizonte tão específico das ilhas – “Ela foi reencontrada. O quê? A eternidade. É o mar que se foi com o sol”, dizia Rimbaud com lucidez (são as palavras que me vieram aos lábios para agradecer a todos aqueles, conhecidos e às vezes desconhecidos, que nos honraram com sua dor<sup>14</sup> e que vieram acolher, sob o calor de um meio-dia de junho, a crueza sacolejante do carro funerário).

A realidade de uma ilha. Uma ilha é real de uma maneira muito precisa. De um barco, de um avião, vemos suas bordas. E de uma ilha, o horizonte marinho se curva. Ao entardecer, o sol se pondo, a terra é redonda. Sabemos, dentro d'água, que há uma costa, limite entre um dentro e o grande lado de fora, e que a ilha é finita. Uma ilha é, por excelência, uma entidade, uma identidade, um algo, com um contorno, *eidós*, ela emerge como uma ideia.

Em sua finitude, uma ilha é um ponto de vista sobre o mundo. Uma ilha está imersa no cosmos, cósmica e cosmológica, com o céu estrelado acima de nossas cabeças e com a imensidão à frente, sensível ao olhar. Na Grécia, na Córsega, eu tive constantemente a experiência do *cosmos*, o “mundo” dos Gregos – “ordem e beleza”, diz Baudelaire. A cada desvio do caminho, a cada curva, a cada passo, o mundo se recompõe e se reorganiza. O que o olho vê cria estrutura instantaneamente, o olho é tomado de harmonia, com um novo espanto a cada vez. Entre cosmologia e cosmética, imenso e limitado, o horizonte renova seu ordenamento. Uma ilha é, por excelência, um lugar.

A nostalgia de uma ilha. Uma ilha é, ao mesmo tempo, enquanto lugar, um lugar muito singular, um lugar que convida à partida: de uma ilha, não podemos senão partir, “ó Morte, velho capitão”.<sup>15</sup> E queremos, devemos voltar a ela. Ela determina e magnetiza. Podemos acreditar que o tempo se curva como o horizonte e que voltaremos após todo um périplo, um ciclo, uma odisseia.

Mas é realmente para lá que voltamos? E é lá que permanecemos?

## Nostalgia, uma palavra suíça

“Nostalgia”, a palavra soa perfeitamente grega: a partir de *nostos*, o “retorno”, e *algos*, a “dor”, o “sofrimento”. A nostalgia é a “dor do retorno”: ao mesmo tempo o sofrimento que nos domina quando estamos longe e as penas que sofremos para voltar. A *Odisseia*, que funda, com a *Ilíada*, a língua e a cultura gregas, é a epopeia que um poeta cego – que provavelmente nunca existiu, “Homero” –, compôs para cantar as peripécias do retorno de Ulisses, o herói das mil artimanhas. É, por excelência, o poema da nostalgia.

No entanto, “nostalgia” não é uma palavra grega, não a encontramos na *Odisseia*. Não é uma palavra grega, mas uma palavra suíça, suíço-alemã. É na verdade o nome de uma doença repertoriada como tal somente no século 17. Foi inventada, segundo o *Dictionnaire historique de la langue française* [Dicionário histórico da língua francesa], em 1678, precisamente por um médico, Jean-Jacques Harder, para expressar a saudade de casa, *Heimweh*, da qual sofriam os fiéis e caros mercenários de Luís XIV – “*point d’argent, point de Suisse*” (“sem dinheiro, sem Suíça”).<sup>16</sup> A menos que ela tenha sido cunhada em 1688 por Johans ou Jean Hofer, filho de um pastor alsaciano de Mulhouse – que lhe dedicou aos dezenove anos, sua pequena tese de medicina na universidade de Basileia –, para descrever “histórias de jovens”: o caso de um estudante bernense em Basileia que estava definhando, mas se curou no caminho, antes mesmo de chegar a Berna, e o de uma camponesa hospitalizada (*Ich will heim, ich will heim*,<sup>17</sup> gemia ela, recusando remédios e alimentos), curada ao



voltar para casa – é reconhecível a origem de seu problema significante.<sup>18</sup>

Tornou-se rapidamente uma questão militar: os suíços desertavam quando ouviam o *ranz des vaches*, o canto das pastagens nas montanhas, “essa música tão querida dos suíços”, escreve Rousseau em seu *Dictionnaire de la musique* [Dicionário da música], “que foi proibida de ser tocada, sob pena de morte, porque fazia cair em lágrimas, desertar ou morrer aqueles que a ouviam, de tanto que excitava neles o desejo ardente de rever seu país”.<sup>19</sup>

É, portanto, para designar uma doença dos suíços de língua alemã que a classe médica terá fabricado a palavra “nostalgia”, assim como se diz “lombalgia” ou “nevralgia”. Se insisto nisso, é porque a origem da palavra me parece muito representativa do que é uma origem: essa palavra, que conota toda a *Odisseia*, não tem nada de original, de originária, enfim, de “grego”. Ela é fabricada, historicamente mestiçada (e justamente porque a origem não é um fato de história, deveríamos dizer “historialmente”, para retomar a palavra forjada por Heidegger), e serve, como todas as origens, a uma finalidade retrospectiva. A tipografia da *Dissertatio de nostalgia* é um testemunho disso, com suas maiúsculas latinas para DISSERTATIO MEDICA, com suas maiúsculas gregas para ΝΟΣΤΑΛΓΙΑ e, em minúsculas góticas *oder Heimweh*, “ou a saudade de casa”. Ela foi quase eclipsada pela *philopatridomania* (“a loucura do amor pela pátria”) igualmente proposta por Harder, pela *pothopatridalgia* (“a dor do desejo-paixão pela pátria”) forjada por Zwinger, e pelo subtítulo *Heimsehnsucht* dado por Haller... Mas foi *nostos*, “o retorno”, que triunfou.

Ao consultar o dicionário *Chantraine*, excepcionalmente aprendemos muito pouco: *nostos* deriva de *neomai*, que signi-

fica “voltar, retornar”, e depende de uma raiz cujo sentido ativo seria “salvar”; *anostos* quer dizer “sem retorno, que não dá frutos”; *Nestor* é o nome para “aquele que felizmente retorna, que felizmente traz de volta seu exército”; e, em grego moderno, *nostimos* tem o sentido de “saboroso, gentil”. O sentido provável da raiz é “retorno feliz, salvação”; a encontramos no germânico, no anglo-saxão (“estar curado, salvo, sobreviver” e “salvar, curar, nutrir”); o sânscrito tem palavras que correspondem a *neomai*: como *nasate*, “se aproximar, se unir”, a ligeira diferença de sentido não sendo um obstáculo decisivo, a ser aproximado talvez de *nimsate*, “eles beijam, tocam com a boca” – o retorno e o amor não são sem ligação.

Este livro interroga, com a “nostalgia”, a relação entre pátria, exílio e língua materna. A *Odisseia*, que narra as proezas de Ulisses e seu retorno constantemente adiado, é o próprio poema da nostalgia. O signo, ó quão simbólico, de que Ulisses está enfim “em casa”, em sua pátria, é sua cama enraizada, esculpida com suas próprias mãos em uma oliveira em torno da qual ele construiu sua casa: um segredo que ele só divide com sua mulher. Enraizamento e desenraizamento: eis a nostalgia.

A pátria, Eneias a carrega nas costas quando foge de Troia em chamas, com seu pai Anquises e seus deuses lares sobre os ombros.<sup>20</sup> Ele erra, de lugar em lugar, até que Juno, que o persegue com seu ódio, consente em deixá-lo fundar o que se tornará Roma, mas com uma condição: que ele esqueça o grego e fale, diz Virgílio, “através de uma só boca” com e como os latinos (*Eneida*, XII, 837).<sup>21</sup> A epopeia fundadora é também, dessa vez, fundadora da língua.

Ter como pátria sua língua, até mesmo como única pátria. É assim que, em tempos sombrios, Hannah Arendt, “natura-

lizada” em seu exílio norte-americano, escolhe se definir não em relação a um país ou a um povo, mas apenas em relação a uma língua, a língua alemã. É esta que lhe faz falta e que ela quer ouvir.

O que é próprio? O que é estrangeiro? “Feliz quem, como Ulisses”: nada mais falso que o soneto de Du Bellay,<sup>22</sup> pois Ulisses só fica “em casa”, ao retornar, por uma única noite, por mais longa que ela seja. Ele deve, com efeito, partir de novo para o mais longe possível de sua pátria, o mais longe possível do mar, caminhar para o interior das terras, levando em seus braços um remo de navio. Até que um homem enfim cruza com ele e lhe pergunta: “Estrangeiro, o que é essa pá de grãos sobre o teu ombro brilhante?” (*Odisseia*, XI, 97). Apenas então Ulisses poderá, fincando o remo na terra, fazer uma última oferenda a Poseidon, o deus do Mar, e voltar a “viver entre os seus o resto de sua velhice”. Mas disso a *Odisseia* não diz nada. Pois é muito mais o “ainda não”, e talvez também o mal-entendido constitutivo da relação entre o próprio e o estrangeiro – esse remo que é tomado por uma pá de grãos –, o que caracteriza a nostalgia.

Analisarei neste ensaio a relação do homem com o tempo, com a morte e com a eternidade, e sua relação com a pátria, para o bem e para o mal. Vou me basear em uma série de cenas primitivas que Homero desenvolve e que definem, a meu ver, a nostalgia. Mas refletirei não menos sobre os usos modernos dessa noção, ligada a todas as ambiguidades, por vezes aterrorizantes, do [estar] em casa e do patriotismo, de *home* a *Heimat*, até o culto do solo e do sangue que o fascismo e o nazismo veicularam. Pois cada língua tem a sua maneira de dizer a nostalgia, de localizar o mal-estar em um lugar do corpo (*melancolia*, a bile negra, *spleen*, o baço, *angústia*, a

garganta), de inscrevê-la em um registro cultural como uma senha, mesmo quando ela é importada, tal como o *spleen* de Shakespeare por Baudelaire, de ligá-la ao passado ou ao futuro, a um evento ou a uma espera, de fazer dela um mal individual, histórico, ontológico, religioso, social, patriótico – *acedia, dor, saudade, Sehnsucht, desengaño etc.*<sup>23</sup>

Eu me perguntarei se e como é possível trabalhar essa ligação entre a nostalgia e o solo natal ou o patriotismo, para fazer da nostalgia uma aventura totalmente diferente que nos conduza ao limiar de um pensamento mais amplo, mais acolhedor, de uma visão do mundo livre de todos os pertencimentos. Ou ainda: em qual sentido, em quais sentidos, pode-se dizer que a nostalgia é um sentimento que define a Europa? – “Europeu: aquele que tem nostalgia da Europa”, diz Kundera em *A arte do romance*.